

CRISTIANISMO NA UCRÂNIA: UMA ESTRADA ATRAVÉS DOS SÉCULOS¹

Vasyl Harandzha²

1 Contexto histórico

A Ucrânia tem um patrimônio espiritual rico e diversificado no qual domina a tradição cristã. Todavia, a vida religiosa nas terras ucranianas sempre foi diversificada desde a antiguidade pela significativa presença de hebreus e muçulmanos, e também pela conservação por longo tempo dos usos e dos ritos locais originais. Damos, portanto, por primeiro damos uma visão geral sobre a história da difusão e da afirmação do cristianismo nas terras ucranianas desde os tempos antigos.

Os primeiros cristãos chegaram nas terras ucranianas muito antes da introdução oficial do cristianismo. O papel importante da futura glória de Kyiv como capital cristã do estado medieval Rus de Kyiv está ligada à tradição legendária atribuída a Santo André. Nos primeiros séculos depois do nascimento de Cristo, os habitantes das instalações gregas na Criméia e nas regiões setentrionais do Mar Negro ouviram a pregação do Evangelho dos cristãos exilados pelas autoridades romanas entre os quais, São Clemente – um papa morto como mártir em Quersoneso (Criméia). Já no século IV a Criméia tinha uma própria diocese no Bósforo da qual o seu bispo, Camo, participou do

¹ Palestra on-line proferida em 03 de junho de 2022 no contexto da disciplina de História da Igreja, do Curso de Teologia da Faculdade Palotina (FAPAS, Santa Maria, RS). Quem assina a tradução do texto é o Prof. Pe. Juliano Dutra, da versão original em italiano. Apresentação on-line disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ljo8sz-GsAw>>.

² Padre grego-católico, casado, que atua pastoralmente em Lviv (Ucrânia); tem mestrado em História da Igreja pela Universidade Gregoriana de Roma e atualmente faz o doutorado na Universidade Católica de Lviv.

Primeiro Concílio Ecumênica em Nicéia (325); dali também participou um outro bispo das terras da hodierna Ucrânia meridional, o bispo dos godos Teófilo. Entretanto, decisiva para a identidade e ulterior destino histórico do cristianismo na Ucrânia foi a proclamação do cristianismo no seu rito oriental (bizantino-eslavo) como religião de estado de Rus de Kyiv em torno ao ano de 988 por parte do grande príncipe Volodymyr I de Kyiv (980-1015). No momento do batismo, e pelos séculos sucessivos, a Igreja de Kyiv, fazendo parte do Patriarcado de Constantinopla e bebendo generosamente nas fontes teológicas, litúrgicas, canônicas e espirituais do Oriente bizantino, esteve aberta às relações com o Ocidente latino (mesmo depois do assim chamado “Grande Cisma” de 1054 entre Roma e Igrejas Ortodoxas). Em Rus de Kyiv existiam mosteiros latinos dos Beneditinos e depois dos Dominicanos e Franciscanos; as diversas afiliações eclesiásticas e cerimoniais não eram um obstáculo para muitos matrimônios inter-dinásticos.

Mudanças significativas tiveram lugar na Metropolia de Kyiv por causa da gradual desintegração de Rus de Kyiv em principados separados e das ferozes lutas pela “herança de Kyiv” por parte de numerosos herdeiros da assim chamada dinastia ruríquida e depois da conquista da Mongólia (1240) – e os governantes de estados vizinhos. Nestas circunstâncias a Igreja, que permaneceu praticamente a única instituição comum da antiga Rus de Kyiv defronte a progressiva desintegração deste estado e a perda da independência política, se encontrou muitas vezes no epicentro da rivalidade política. Isto comportou a transferência da residência do Metropolita de Kyiv, primeiro a Vladimir acima de Klyazma (1299) e depois para Moscou (1326) (ambas as cidades estão no território da moderna Federação Russa). A transferência das instalações metropolitanas reforçaram as pretensões dos governantes de Moscou de terem um papel dominante nas terras da ex-Rus de Kyiv.

O desejo de uma maior independência política de cada um dos principados e a relutância dos governantes poloneses e lituanos (governaram as terras ucranianas e bielorrussas a partir do século XIV) a fazerem depender os seus súditos de tradição oriental da supremacia eclesiástica de Moscou, deram origem à divisão da Metropolia de Kyiv e a formação da Metropolia da Galícia (1347; 1370-1401) e da Metropolia da Lituânia pela primeira vez em 1299. Todavia, estas estruturas não duraram muito tempo e foram sucessivamente abolidas pelo Patriarca de Constantinopla.

Dadas as peculiaridades da situação geopolítica e do desenvolvimento histórico, a hierarquia ortodoxa da Metropolia de Kyiv muitas vezes iniciou e sustentou ativamente esforços para retomar a unidade universal dos cristãos. Enviados de Rus de Kyiv participaram aos concílios da Igreja do Ocidente em Lião (1245) e Constança (1418); o príncipe da Galícia e Volínia Danylo [Daniel] (1238-1264) em busca de apoio nas lutas contra os mongóis, concluiu um acordo com a Santa Sé e recebeu do Papa Inocêncio IV a coroa real (1253). A união florentina (união entre Roma e Igrejas ortodoxas concluídas durante o concílio de Basiléia-Ferrara-Florença em 1439) do qual um dos fundadores foi o metropolitano Isidoro de Kyiv, foi acolhida positivamente nas terras ucranianas e bielorrussas. A recusa desta união levou a definitiva separação da antiga Metropolia de Kyiv da Igreja de Moscou que, em 1448, proclamou a sua autocefalia e, em 1589, aproveitando do declínio da ortodoxia grega sob o domínio turco, obteve o status de Patriarcado. Isso reforçou ulteriormente as ambições imperiais dos governantes de Moscou e as suas aspirações ao papel de guia da “Terceira Roma” no cristianismo universal.

Ao invés, o episcopado da Metropolia de Kyiv, que permaneceu sob o poder estatal da Confederação Polaca-Lituana e sob a jurisdição canônica de Constantinopla, decidiu no fim do século XVI de passar ao primado de Roma. Os

bispos fizeram isso na tentativa de fazer sair a Igreja de uma profunda crise interna, em resposta à difusão dos movimentos protestantes (sobretudo os calvinistas e antitrinitários) e ao desafio da contrarreforma católica (representada pelos jesuítas poloneses). Ao mesmo tempo, queriam preservar a tradição do rito oriental e a própria identidade eclesiástica e étnico-cultural. Tal modelo de unidade eclesiástica, aprovada pelo concílio de Brest de 1596, do qual teve início efetivamente a existência institucional da Igreja Grego-Católica ucraniana, não foi sustentado por todos os membros da hierarquia e fiéis da Metropolia de Kyiv. Alguns deles estavam insatisfeitos da visão romana da unificação e insistiam na adesão da afiliação canônica do Patriarcado de Constantinopla; obtiveram a consagração da hierarquia ortodoxa paralela (1620) e o seu reconhecimento oficial por parte da Confederação Polaco-lituana (1632) o que levou a divisão confessional da Igreja de Kyiv em duas jurisdições e da sociedade ucraniana-bielorussa em dois campos hostis.

A conclusão da união resultou, entretanto, em um dos problemas principais nas relações entre os cristãos de tradição oriental e ocidental na Confederação Polaco-Lituana: a sua igualdade diante do estado. O metropolitano e os bispos greco-católicos jamais obtiveram cadeiras no parlamento; a terminologia depreciativa era oficialmente usada contra o clero e as igrejas greco-católicas; os fiéis eram sujeitos a contínuas opressões e humilhações na vida quotidiana; nobres e pessoas cultas continuaram a ser encorajadas a passar ao rito latino. A razão principal disso era a crescente convicção dos católicos romanos na supremacia do rito latino, considerado “melhor e mais confiável” para a salvação. A consequência direta desta instrução foi o crescimento dos sentimentos anti-católicos e filo-russos no ambiente ortodoxo e a progressiva latinização da vida eclesial e cerimonial e de toda tradição cristã oriental na Igreja Grego-Católica.

O confronto religioso foi agravado por outros conflitos socioeconômicos, étnico-culturais e políticos que levaram, em 1654, as partes centrais e orientais da Ucrânia durante a revolta cossaca guiada por Bohdan Khmelnytsky, a se tornarem vassalas de Moscou. Bem cedo, a parte da Metropolia ortodoxa de Kyiv que passou ao domínio russo, foi subordinada ao Patriarcado de Moscou (1685-1686). A partir de então, o estado russo e as autoridades eclesiásticas fizeram todo o esforço para acabar com qualquer característica da tradição ortodoxa ucraniana, unificar a vida eclesial dos fiéis e transformar a própria Igreja ortodoxa em parte integrante da burocracia estatal e da russificação dos ucranianos. Com ainda maior persistência e coerência, estes imperativos da política estatal e eclesiástica da Rússia se manifestaram no seu comportamento em relação à Igreja Grego-Católica. Toda vez que a Confederação Poloca-Lituana se tornava mais débil, o império russo estendia o seu poder às vizinhas terras ucranianas levando a repressão contra os grego-católicos e a sua forçada “conversão” à ortodoxia russa (1768-1796, 1839, 1875).

Ao invés, a Igreja Grego-Católica como instituição conseguiu “sobreviver” nas partes ocidentais da Ucrânia. Em 1646 a união com Roma foi aceita pela diocese ortodoxa de Mukachevo (Transcarpátia). A Transcarpátia não fazia parte da Confederação Poloca-Lituana, mas era subordinada ao reino da Hungria. Cem anos depois da União de Brest, as dioceses de Lviv e Peremyshl (Galícia) se tornaram grego-católicas.

A política iluminista asbúrgica foi importante para mudar a natureza das relações entre cristãos de diversas tradições, primeiro na Transcarpátia e depois na Galícia (esta se tornou parte da monarquia austríaca depois da primeira repartição da Confederação Poloca-Lituana em 1772). A hierarquia grego-católica obteve o reconhecimento e a sustentação do governo imperial que se manifestou no sentido da igualdade formal de direitos com os católicos latinos e

no acesso à instrução geral e teológica (incluída aí a língua-mãe), na asseguarção do bem-estar material mínimo e na organização das estruturas administrativas.

O fator mais direto que influencia o desenvolvimento da vida religiosa na Ucrânia moderna é a tragédia do século XX: a era do terror e da violência. Se estima que durante aquele período na Ucrânia foram mortas cerca de 17 milhões de pessoas. Parte da sangüinária tragédia da violência na Ucrânia foi a deliberada perseguição da religião e a semeadura do ateísmo. Buscando afirmar o seu domínio totalitário, o regime comunista não podia tolerar a existência de estruturas que representassem outros valores humanísticos. A luta contra a religião se torna ideologia de estado, a qual, não foi economizado nenhum esforço e foram usados todos os meios disponíveis. Templos destruídos, queimados, profanados (um total de 14 mil igrejas e lugares de culto foram destruídos durante os anos de domínio soviético); foram fuzilados, presos e deportados no Gulag sacerdotes e fiéis, ortodoxos, católicos e representantes de outras religiões; as igrejas foram perseguidas, oprimidas ou completamente destruídas como a Igreja ortodoxa autocéfala ucraniana no início dos anos 30 ou a Igreja Grego-Católica ucraniana em 1946 na Galícia e em 1949 na Transcarpátia; todos estes são os tristes “resultados” do período soviético.

A existência daquelas comunidades religiosas sobreviventes e formalmente consentidas pelo regime ateu foi limitada por muitos decênios a esfera reservada e privada, se mesmo isso se pode dizer no sistema de controle e doutrinação ideológico universal. Inteiras gerações foram privadas da liberdade de religião, o que levou também ao desaparecimento de antigas tradições de fé, à progressiva espiritualidade e a profunda desmoralização da sociedade.

Um outro aspecto da política religiosa soviética, em particular depois dos principais ajustes de Stalin durante a Segunda Guerra Mundial, foi a

instrumentalização e o uso de estruturas eclesiais que legalmente funcionam para fins de política interna e externa do estado ateu. Um lugar de destaque foi dado à Igreja Ortodoxa Russa a qual foi-lhe atribuída o papel de “defensora da pátria socialista”, co-criadora da “nova comunidade histórica – o povo soviético” e repetidora da “política de paz soviética” no âmbito internacional. O *modus vivendi* conseguido com o governo comunista deu à Igreja Ortodoxa Russa alguns resultados: paralisou as tentativas de autocefalia em algumas repúblicas da URSS, ampliou o “território canônico”, aumentou o número de igrejas e de fiéis através da liquidação da UGCC etc.

2 Estado atual e diversidade estrutural

Hoje o mapa confessional da Ucrânia se apresenta assim: cerca de 97% das organizações religiosas são cristãs; 0,73% professa o Islão; 1% são diferentes vertentes do judaísmo; 0,44% são seguidores do budismo e de outros movimentos religiosos orientais e 0,84%, outras religiões.

2.1 Ortodoxia

Entre os cristãos ucranianos, a maior parte deles se define como ortodoxa – 19.460 de 36.184 (53,78%) do número total das organizações religiosas. Todavia, a mesma Ortodoxia ucraniana não é monolítica, mas dividida em ao menos duas principais jurisdições (até dezembro de 2018 existiam três jurisdições deste tipo). O processo de modificação da subordinação jurisdicional das paróquias entre estas Igrejas é muito dinâmico, por isso as estatísticas mudam constantemente.

- Igreja Ortodoxa da Ucrânia (PCU – mais de 7.500 comunidades), criada no dia 15 de dezembro de 2018 em Kyiv no assim chamado Conselho de Unificação

das Igrejas ortodoxas ucranianas unindo as estruturas da Igreja Ortodoxa ucraniana do Patriarcado de Kyiv, Igreja ortodoxa autocéfala e parte da Igreja Ortodoxa ucraniana sob a subordinação canônica do Patriarcado de Moscou. Nos dias 5 e 6 de janeiro de 2019 recebeu um Tomos sobre autocefalia do Patriarca de Constantinopla (ecumênico), Bartolomeu. Assim, do ponto de vista do Patriarcado de Constantinopla, ao qual é reconhecido um certo primado no mundo ortodoxo (ainda que se discuta sobre o que seja este primado), a PCU é reconhecida como Igreja Ortodoxa autocéfala e coloca no 15º lugar no elenco das igrejas ortodoxas. Entretanto, no mês de maio de 2022 somente 4 das outras 14 Igrejas Ortodoxas tinham dado a ela o reconhecimento oficial. A razão disso é, em particular, a resistência da Igreja Ortodoxa russa que considera a Ucrânia seu território canônico e como a Igreja Ortodoxa na Ucrânia reconhece a Igreja Ortodoxa ucraniana (UPC) que, essa sim, está sob sua subordinação canônica. Desde a entronização de 6 de janeiro de 2019, esta igreja é guiada por Epiphanius Dumenko que detém o título de Metropolita de Kyiv e de toda a Ucrânia.

Para compreender a complexidade da situação ortodoxa na Ucrânia é importante ver como era a “paisagem” ortodoxa antes da instituição da PCU, ou seja, quais jurisdições existiam antes da unificação dos ortodoxos na Ucrânia e quais continuam a existir. Assim, em 2019, a Ortodoxia na Ucrânia era ainda mais dividida. Aqui operavam a Igreja Ortodoxa autocéfala ucraniana, a Igreja Ortodoxa ucraniana do Patriarcado de Kyiv e muitas outras pequenas jurisdições. Todas elas não eram oficialmente reconhecidas pelas outras Igrejas ortodoxas locais e eram consideradas “não canônicas”.

A Igreja Ortodoxa ucraniana canonicamente subordinada ao Patriarcado de Moscou (UPC – tem cerca de 12 mil comunidades, a maior parte das quais se encontram na parte central e sul-oriental do país); o ex-Exarcado ucraniano da

Igreja Ortodoxa russa que recebeu seu novo nome em janeiro de 1990 e no fim de outubro daquele mesmo ano, “independência no governo”. O pedido do Conselho local da UPC de conceder-lhe a autocefalia canônica depois da proclamação da independência do estado da Ucrânia em 1991 em Moscou não foi acolhido e então o chefe da UPC, o metropolita Filaret Denisenko, foi privado da sua dignidade. Em maio de 1992, a maior parte dos bispos da UPC elegeu o Metropolita Volodymyr Sabodan como novo chefe da Igreja. Ele desempenhou a sua função até a sua morte no mês de julho de 2014. Era o chefe da Igreja com o título de Metropolita de Kyiv e de toda a Ucrânia. Desde 2014 esta Igreja é guiada pelo Onufriy Berezovsky. Oficialmente, os representantes da UPC se opuseram ao processo de criação de um Igreja Ortodoxa única na Ucrânia, sustentando que a Igreja única já existe (UPC) e que a UPC-KP e UAPC não são Igrejas Ortodoxas, mas somente organizações cismáticas, portanto, o modo de repreender a unidade entre os ucranianos ortodoxos estaria no arrependimento dos membros destas igrejas e no seu retorno à única Igreja canônica. Em seguida da apresentação do Tomos sobre a autocefalia ao PCU em janeiro de 2019, se iniciou a transição para esta estrutura de comunidade pela UPC. Em abril de 2019 aderiram cerca de mil comunidades, ou seja, menos de 10% do número total das comunidades UPC.

Segundo as leis estatais, todas as três Igrejas (UAPC, UPC-KP e UPC) e, junto com os grego-católicos pertenciam a categoria das “Igrejas tradicionais”.

2.2 Catolicismo

Também os católicos na Ucrânia não são homogêneos ainda que esta divisão tenha uma base eclesiástica e histórica diversa.

A maior parte dos católicos são de rito oriental e pertencem à Igreja Grego-Católica ucraniana (UGCC) que foi liquidada pelo regime stalinista e “reunida” com a força da Igreja Ortodoxa russa depois da II Guerra Mundial. Apesar das proibições oficiais e das brutais perseguições, a Igreja manteve a legalização oficial. Hoje a UGCC é a terceira comunidade religiosa maior na Ucrânia com 3.433 paróquias, 2.713 sacerdotes, 103 mosteiros, 1.055 monges e monjas e o número total de fiéis é estimado entre 5 e 5,5 milhões. Desde março de 2011, os grego-católicos ucranianos são guiados por Sviatoslav Shevchuk que, desde 2010, era o Administrador Apostólico para os grego-católicos ucranianos na Argentina. A UGCC é uma Igreja “global”. Tem suas estruturas – dioceses e exarcados – fora da Ucrânia. Em particular, tais estruturas existem nos USA, Canadá, Argentina, Austrália, Grã-Bretanha, França etc. O Brasil hospeda também uma grande diáspora ucraniana. Segundo várias estimativas, no Brasil existem quase meio milhão de ucranianos. A maior parte deles vive no Estado do Paraná. No Brasil foi assim instituída para os grego-católicos a Metrópoli de Curitiba; ela se compõe de duas dioceses nas cidades de Curitiba e Prudentópolis.

Os católicos latinos constituem a Igreja Católica Romana na Ucrânia do qual as suas estruturas hierárquicas foram, no passado, difundidas naquelas terras ucranianas que faziam parte dos vizinhos estados católicos. Depois da anexação desses territórios à URSS, o governo soviético liquidou as redes diocesanas dos católicos latinos deportando e reprimindo grande parte do seu clero e dos seus fiéis. Sobreviveram sob o estreito controle estatal somente cerca de uma centena de paróquias. Hoje a Igreja Católica de rito latino na Ucrânia conta com 937 comunidades das quais, quase a metade, está nas regiões centrais; 608 sacerdotes, 109 mosteiros e casas monásticas, 641 monges. O número dos fiéis, segundo várias estimativas, varia entre 500 a 800 mil.

Ambas as Igrejas católicas estão em plena unidade com a Santa Sé, mas tem separadas estruturas hierárquicas, vida litúrgica, ordem canônica, características históricas e culturais.

2.3 Protestantismo

As comunidades protestantes constituem uma parte significativa do aspecto religioso da Ucrânia - 28,78% (10.438 comunidades). A maior parte delas não está diretamente relacionada à primeira onda da reforma nas terras ucranianas dos séculos XVI e XVII. Provém, na sua maior parte, das comunidades religiosas protestantes dos colonos alemães do final do século XVIII ou pertencem a assim chamada “segunda onda” do protestantismo do final do século XIX e primeiros decênios do século XX (São Batistas, Pentecostais, Adventistas, Testemunhas de Jeová etc).

Entre as cerca de 40 igrejas e grupos protestantes que operam hoje na Ucrânia, os mais numerosos são os Batistas, os Pentecostais e os Adventistas.

A organização religiosa mais influente dos Batistas na Ucrânia compreende 2.484 comunidades, 2.838 presbíteros, 24 administrações regionais, 93 missões de beneficência, 40 escolas teológicas com cerca de 9.000 estudantes e 14 periódicos. Em geral, as associações religiosas batistas constituem quase 8% da rede religiosa total (2.816) e estão distribuídas em modo relativamente uniforme em toda a Ucrânia.

A Igreja ucraniana dos cristãos de fé evangélica (Pentecostais) foi fundada em 1995. É a segunda associação protestante maior. Há 1.621 unidades estruturais, 2.166 membros do clero, 25 administrações regionais, 56 missões, 2 fraternidades, 1 instituições teológicas com 904 estudantes e 23 periódicos.

Os Adventistas do Sétimo Dia têm 1.063 organizações religiosas, o que corresponde 2,93% do total. A maior parte das comunidades adventistas (1.017) é membro da Conferência da União ucraniana das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia que tem 931 pregadores, 8 escritórios regionais, 3 missões, 4 seminários e 484 estudantes.

Entre as comunidades protestantes tradicionais que operam já há algum tempo na Ucrânia, vale a pena citar a Igreja Reformada Transcarpátia (húngara) – 114 comunidades e a Igreja evangélica luterana alemã (29). Ao invés, a maior parte dos outros membros iniciaram as suas próprias atividades depois da independência da Ucrânia: a Igreja Luterana, a Igreja Reformada ucraniana, as comunidades presbiterianas, metodistas, neo-apostólicas, do Exército da Salvação, Anglicana, Luterana Evangélica sueca, Evangélica tcheca, menonita etc.

As comunidades religiosas das quais as atividades são particularmente controversas na opinião pública são os Testemunhas de Jeová e os Mórmons. As primeiras comunidades Testemunhas de Jeová aparecem nas partes ocidentais da Ucrânia entre as duas guerras mundiais e as suas atividades foram banidas durante a era soviética. A gravação oficial da Organização dos Testemunhas de Jeová na Ucrânia aconteceu em 1991 e daquele momento em diante se desenvolveu num modo bastante dinâmico. Agora existem mais de 900 comunidades e cerca de 2.500 presbíteros. É interessante notar que desde o início da pandemia do coronavírus os Testemunhas de Jeová desaparecem completamente das estradas onde pregavam e pararam de ir nas casas das pessoas. Aparentemente, querem reinar sobre a terra num reino de 1.000 anos e a morte por coronavírus não faz parte dos seus planos.

As primeiras quatro congregações da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Mórmons) apareceram na Ucrânia em 1992 e agora, em 2018, o

número chegou a 44. Como os Testemunhas de Jeová, o número do clero supera de longe o número de comunidades (427 do qual 130 são estrangeiros).

Desde os tempos antigos se tornaram tradicionais para a Ucrânia as denominações as quais os ucranianos étnicos quase não pertenciam, principalmente o hebraísmo e o islamismo.

2.4 Hebraísmo

Na Ucrânia moderna, o hebraísmo é representado por diversas estruturas e direções institucionais. As mais numerosas são a Associação Chassídica (109) e a Associação das organizações religiosas hebraicas da Ucrânia (69). Existem ainda algumas correntes de natureza reformista: comunidade do hebraísmo progressista, hebraísmo messiânico, judeu-cristã e outras. O número total das comunidades religiosas hebraicas é 284 e cresceu quase sete vezes desde 1992; eles são servidos por 192 sacerdotes. A rede religiosa hebraica é equamente distribuída em todo o país, mesmo que constituam um percentual relativamente pequeno de todas as comunidades devido ao fato da população hebraica ser relativamente baixa, o que tende também a diminuir por causa da imigração e da demografia natural.

2.5 Islamismo

Desde o ano de 1988 as mesquitas na Ucrânia estavam fechadas e somente as estatísticas de 1990 mostram a existência de 8 comunidades oficialmente registradas. No período de 1992 a 2014, o seu número aumentou quase 40 vezes (passaram de 31 a 1.221) dos quais cerca de 88% estão na República Autônoma da Criméia. O resto das comunidades se encontrava

principalmente nas grandes cidades da região sul-oriental e, além dos tártaros da Criméia, uma parte significativa dos crentes era constituída por migrantes provenientes de algumas repúblicas da ex-União Soviética e de outros países.

A situação para os muçulmanos mudou de modo significativo em 2014 quando a Federação Russa anexou a Criméia e iniciou com a sustentação militar aos separatistas terroristas na Ucrânia oriental. No início de 2018, o número de comunidades muçulmanas no território da Ucrânia controlado pela Ucrânia diminuiu de modo significativo, ao que parece, por causa da difusão do Islã (a maior parte dos muçulmanos, como foi acenado anteriormente, vivia na Criméia e Ucrânia oriental). Assim, as estatísticas das comunidades religiosas para o ano de 2018 fornecem dados sobre 254 comunidades muçulmanas, 185 membros do clero, 4 escolas teológicas, 75 escolas e 7 gráficas.

Tradução: Juliano Dutra